

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO SP

CEDI - P. I. B.
DATA 12/09/88
COD. WTD 00081

INDICE

- 1- APRESENTAÇÃO DO TRABALHO
- 2- RELATÓRIO DE VIAGEM
- 3- RELATÓRIO SOBRE A POSSÍVEL INTERFERÊNCIA DO REPRESAMENTO DO RIO UATUMÃ- UHE BALBINA NA ÁREA INDÍGENA WAIMIRI - ATROARI.
- 4- ANEXO Nº 01- CONSTRUÇÕES DA FUNAI.
ANEXO Nº 02- REFERÊNCIAS DE ALGUNS ANIMAIS SILVESTRES E PEIXES, NA LÍNGUA WAIMIRI.
OUTRAS INFORMAÇÕES.
- 5- MAPAS E CROQUIS.
- 6- FOTOS

A P R E S E N T A Ç Ã O

Talvez não exista uma história mais trágica e cheia de lances de estoicismo, pela salvação de um povo índio.

As dúvidas da origem e os vários nomes dados à atual comunidade WAIMIRI-ATROARI, comprovam um quase desconhecimento daquela etnia.

Os primeiros contatos com a sociedade nacional, ao invés de significar uma maior segurança da comunidade foi, na realidade, o início de seu fim.

A riqueza de suas terras, principalmente da Castanha do Pará, significou o quase aniquilamento da comunidade WAIMIRI-ATROARI. Salva do extermínio, pela abnegação de alguns heróicos sertanistas do antigo SPI, hoje FUNAI, tiveram os índios um período de paz. Foi muito curta porém, a paz duramente conquistada. A construção da BR-174 (Manaus/Caracarai), atingiu em cheio toda a reserva indígena. Voltaram os sofrimentos e as mortes.

Após os trabalhos de construção da estrada, os índios tornaram-se mais temerosos e arredios, dificultando qualquer contato com outras pessoas, a exceção dos técnicos da FUNAI.

A existência de estanho na reserva WAIMIRI-ATROARI, significou outro duro golpe, inclusive com a redução considerável da área da própria reserva.

Os vários golpes sofridos pela comunidade indígena, principalmente a redução territorial da reserva, parecem ter refletido na população índia, hoje de apenas 374 índios, quando há pouco mais de 20 anos era de 1.500 índios.

O documento que apresentamos, de autoria do indigenista José Porfírio Fontenele de Carvalho, contratado da ELETRONORTE, representa a atual situação da etnia WAIMIRI-ATROARI.

Conhecedor profundo daquela etnia, testemunha ocular da história, retratou, fielmente, a comunidade, seus usos, costumes e língua.

Não tem a finalidade técnica de definir áreas que serão atingidas pelo reservatório da UHE BALBINA. É, antes de tudo, um estudo antropológico sobre uma comunidade indígena, comprovando uma verdade que, muitos comodamente, preferem desconhecer: "uma reserva

indígena não é só as malocas e as roças. O índio é antes de tudo parte integrante da natureza, e a natureza não se limita".

Nosso projeto é apresentar semelhantes documentários, para todas as comunidades indígenas da área de atuação da ELETRONORTE, pois entendemos que fazem parte da nossa história que deveremos começar a contar.

Francisco Jair Gouveia
Francisco Jair Gouveia -

[Assistente da Diretoria de Suprimentos

RELATÓRIO DE VIAGEM

Dado a necessidade de informar à ELETRONORTE sobre os nossos trabalhos na Área Indígena WAIMIRI ATROARI e o levantamento da possível interferência de BALBINA naquela área, realizado pela MONASA/ENGE-RIO, estou apresentando esse primeiro relatório, que se resumirá, em informações da viagem, a apresentação de sugestões de medidas que deverão, se aprovadas, serem tomadas com maior urgência possível. Em seguida apresentarei um outro relatório, quando será detalhado e demonstrado todo o trabalho realizado na Área Indígena WAIMIRI ATROARI.

Dia 08/09/86 - Reunião na Superintendência da FUNAI em Manaus, com o Sr. Sebastião Amâncio da Costa, Superintendente da FUNAI e Sr. Raimundo Nonato Correia, Chefe do Núcleo de Apoio WAIMIRI ATROARI, sobre a reunião a ser realizada com os índios WAIMIRI ATROARI. Ficamos também cientes de que a reunião com os índios teria sido adiada para o dia 11/09/86, em função de problemas logísticos pela ENGE-RIO. Como tínhamos prometido aos índios que estaríamos na área até o dia 09/09/86, decidimos seguir no outro dia (09/09/86), onde ficaríamos aguardando a reunião

Dia 09/09/86 - Seguimos para a Reserva WAIMIRI ATROARI, onde encontramos os índios ansiosos e inquietos, aguardando a reunião. Pedindo desculpas pelo atraso, explicamos as razões da demora, pois as chuvas e o péssimo estado da estrada, estava prejudicando os deslocamentos dos participantes da reunião.

Na sede do NAWA, encontravam-se cerca de 150 índios WAIMIRI e ATROARI. Estavam participando de uma festa itinerante que realiza-se anualmente e que inclui uma peregrinação por todas as aldeias da área.

Dia 10/09/86 - Continuamos esperando a chegada do pessoal da ENGE-RIO e da própria FUNAI, pois o Sr. Superintendente Regional, queria participar pessoalmente da reunião. Os índios passaram a reclamar da demora, mas cientes da nova data fixada para o encontro.

Dia 11/09/86 - A Equipe da ENGE-RIO chegou por volta das 10:00 e depois de apresentada aos índios, ficou aguardando a chegada da Equipe da FUNAI.

Por volta do meio dia, chegou o Sr. Superintendente da FUNAI, acompanhado do Sr. Raimundo Nonato Correia, Chefe do NAWA.

Por sugestão da Dra. Celina Maria - Antropóloga da ENGE-RIO e com a aprovação do Sr. Superintendente da FUNAI, foi convidado a participar da reunião, o padre Egydio Schwade, na condição de representante do CIMI -- Conselho Indigenista Missionário.

Por volta das 14:30 hs foi iniciada a reunião, onde estavam presentes as principais lideranças WAIMIRI ATROARI - destacando-se os seguintes líderes: Mário Paroé ATROARI - Wiana Womé ATROARI, Tomás Tamaré WAIMIRI, Paulo Uribiá WAIMIRI.

Pela FUNAI, estavam o Sr. Superintendente Regional, Sr. Sebastião Amâncio, Sr. Raimundo Nonato Nunes Correia, Srta. Elisabeth Cid de Alcântara - Antropóloga, Estêvão da Silva Rodrigues e José Machado.

Pela ENGE-RIO estavam o Sr. Genaro, responsável pela equipe, Dra. Celina Maria Braga Moreira de Souza - Antropóloga, Luis Andrade-Topógrafo e Renato, também Topógrafo da ENGE-RIO.

Presentes também encontravam-se Padre Egydio Schwade, representando o CIMI e um casal de linguístas membros da MEVA - Missão Evangélica da Amazônia.

A reunião foi aberta pelo Sr. Sebastião Amâncio, que falou sobre as razões da reunião e passou em seguida a nós, a palavra.

Apresentamos aos índios, os componentes das Equipes da ENGE-RIO e procuramos explicar a forma de trabalho que pretendíamos fazer, passando em seguida a palavra ao pessoal da ENGE-RIO. Falou em nome da ENGE-RIO, a antropóloga Celina Maria, que também explicou o trabalho a ser realizado. Em seguida, foi mostrado aos índios uma maquete de uma barragem e foi demonstrado, inclusive usando água, o que poderá vir a ocorrer com Balbina e sua influência nas áreas indígenas. Os índios ficaram atentos a tudo, principalmente porque o índio Mário ATROARI, traduzia todos os discursos para os seus parentes, que não entendiam o português.

No pátio do edifício sede da FUNAI - no NAWA foi montado um teste lito e demonstrado aos índios como funciona. Muitos deles foram observar o funcionamento do equipamento.

Ainda na reunião, o líder Mário Paroé ATROARI, fez um discurso muito sério aos seus companheiros, dizendo que mais uma vez os CAMINHAN (Homem Branco) estavam ali para comunicar que suas terras seriam afetadas pelas águas de uma barragem e que ele não gostava disto. Mas as pessoas que vieram fazer o levantamento, poderiam trabalhar e que eles queriam acompanhar todo o trabalho.

Na mesma ocasião foi questionado o trabalho sob a alegação de que os relatórios deste tipo de levantamento nunca chegavam ao conhecimento dos índios, nem mesmo da FUNAI.

A antropóloga Celina Maria, informou que embora fosse o seu desejo mandar uma cópia do seu trabalho aos índios, estava impedida por compromissos funcionais com a ENGE-RIO, isto criou momentaneamente, um certo mal estar.

Imediatamente, prometi aos índios que o nosso relatório seria encaminhado na íntegra aos índios e à FUNAI, não só por serem pessoas e entidades interessadas, mas principalmente, porque participariam na realização do trabalho. Os índios, os líderes, demonstraram também, interesse em conhecer uma hidrelétrica funcionando, para que eles pudessem avaliar o que poderia vir acontecer com suas terras. Sem estar autorizado a firmar esse compromisso, pela ELETRONORTE, afirmamos que iríamos apresentar esta proposta e pela forma com que vem sendo tratado o assunto índio, pela atual Diretoria, tudo indicava que a ELETRONORTE promoveria a viagem dos 4 principais líderes a TUCURUI, ficando no entanto em aberto, dependendo de confirmação posterior.

Dando como cientes o que seria o trabalho, os índios deram por encerrada a reunião.

Após a reunião, seguimos em viatura para o Posto Seção Abonari, da FUNAI, localizado na margem esquerda do Rio Sto. Antônio Abonari, onde seria a base e acampamento das equipes.

À noite, nos reunimos e formamos a primeira equipe que teve a seguinte composição:

Celina Maria	ENGE-RIO
Porfírio Carvalho	ELETRONORTE
Elisabeth Alcântara	FUNAI
Estêvão Rodrigues	FUNAI
Tomás WAIMIRI	Índio WAIMIRI
Paulo Uribiá	Índio WAIMIRI
Luis Andrade	ENGE-RIO
Geraldo (motorista)	ENGE-RIO

Decidimos ainda nesta reunião, iniciarmos a nossa atividade pelo Rio Taquari.

Dia 12/09/86 - A equipe foi dividida em duas partes - uma composta por Celina - ENGE-RIO, Elisabeth - FUNAI, Estêvão - FUNAI e Paulo Uribiá WAIMIRI, que permaneceram na aldeia Taquari,

realizando o levantamento da aldeia e plantações. O outro foi com posto por este Assessor da ELETRONORTE - Porfírio Carvalho, José Machado - FUNAI, Luis Andrade - ENGE-RIO e Tomás WAIMIRI, que por sua vez se fez acompanhar por mais três índios que voluntariamente se ofereceram a nos ajudar.

X [A segunda equipe, a que participávamos, embrenharam-se mata dentro, seguindo sempre a margem direita do Rio Taquari, acompanhando a curva de nível fixado na cota 53, procurando identificar a utilização daquela área pelos índios e também avaliar a sua importância para a comunidade indígena WAIMIRI ATROARI.

Os índios na medida em que penetrávamos na floresta iam mostrando a utilização das árvores, do rio e de vários locais identificados como área de caça e pesca. Observamos que a área de caça sempre nas proximidades do Rio Taquari era bastante visitada por eles, pois os caminhos eram bem livres e desimpedidos. Rastros de anta, queixada (Porco do Mato), eram bem visíveis nestes locais. Os índios nos mostraram também local onde retiram palhas para construção de suas casas - (Buriti e Caranã).

Mas o que mais nos impressionou foi a variedade de espécies vegetais que são utilizadas pelos WAIMIRI como alimento.

Entre outros, destacavam-se nessa área as seguintes árvores que existem em abundância:

PIQUIÁ - Fruto alimentício

BURITI - Fruto alimentício e a palha serve para construção de casa.

BACABA - Fruto alimentício.

TUKUNÃ - Fruto alimentício.

PUPUNHA - Fruto alimentício.

PATUÁ - Fruto alimentício que se fabrica uma espécie de vinho.

MURU-MURU - Palmeira que produz um coquinho que lembro o Côco da Bahia - tem água e a massa é muito gostosa.

Entre estas árvores, ocorre incidência de algumas, considerados madeira de Lei, como: Louro, Quariquara, Itauba. Ou seja, o que para nós não passa de uma MATA VIRGEM, para os WAIMIRI, trata-se de um grande sítio, inclusive contendo animais silvestres, que podem ser comparados a gado selvagem.

As principais espécies caçadas naquela área, são: Anta, Veado, Paça, Macacos, Araras e Jacaré.

No Rio Taquari são pescados, Traíra, Tucunaré, Piraíba e Mandubé entre outros.

Notamos na nossa caminhada rumo às cabeceiras do Taquari, que se trata de uma área muito baixa, região semi pantanosa e com águas paradas. Destacou-se ainda, a formação do solo que formava painéis, como se fosse um buraco resultante de queda de árvores.

Na área da aldeia Taquari, foram encontradas 14 casas numa área desmatada de aproximadamente 2 ha. Trata-se de uma construção e desmatamento recentes. As casas redondas são construídas com Abiurana e Taxi amarradas com cipó titica. A armação do teto e caibros com Envira e cobertas de palha de Buriti ou Caranã. As casas de formato retangular ou quadradas, são construídas as paredes com casca de cardeiro, tendo 1 ou 2 portas - não tem janelas - são cobertas de palha de Buriti ou Caranã, medindo aproximadamente 3x3, 8x3 e 3x3,5m.

A construção destas casas tem a participação de todos da aldeia, um regime semelhante ao nosso conhecido mutirão. Habitam em média 5 pessoas por casa.

A média de idade é muito baixa, não chegando a 20 anos de idade. Não encontramos nenhum velho - TIAMURU - no idioma WAIMIRI.

UTENSÍLIOS

Fabricam e usam Rede de Palha de Buriti - MAQUERA.

BALAIO - fabricado com palha de Arumã - serve de depósito para farinha e frutas.

ABANO - fabricado com palha de Tucunã.

[JAMAXIM - fabricado com palha (folha de Caranã).

PANELAS DE BARRO

VASSOURA - Cipó titica e Envira.

CORDA - fabricado com fibra de Curawá.

PULSEIRA - fabricado com fibra de Arumã.

GIRAU - utilizado como mesa e como fogão - construído dentro de casa com Pachiuba e Jupati:

RALADOR DE MANDIOCA - confeccionado com raiz de Pachiuba e com pedaços de latas adquiridos da sociedade nacional.

ARCO - construído com âmago de Pau d'arco ou com Piriá, a corda com fibras de Curawá.

TIPITI - folha de arumã

FLECHAS - são confeccionadas com flecheira - parte principal e a ponta pode ser de âmago de Pau d'arco bem afiado, osso de animais silvestres e pedaços de Terçados (facões) devidamente afiados desde a ponta até as laterais. Um pouco abaixo da ponta é colocado um pequeno gancho do mesmo material (ferro) da ponta para que a flecha ao penetrar no animal, não venha se salvar.

Ao redor da aldeia, foi plantada uma roça na área aproximada de 2 ha e com as seguintes culturas consorciadas:

550 pés de banana
150 pés de cana
50 pés de mamão
20 pés de limão
30 pés de melancia
20 pés de manga
30 pés de pupunha
vários pés de flecheira

2 ha de mandioca com aproximadamente 20.000 pés. No caminho do rio, vários pés de Patuá, Açaí, Buriti. Estas plantações são novas.

Dia 13/09/86 - Voltamos à área do Rio Taquari, nas proximidades da aldeia - e continuamos nosso trabalho dividido em duas equipes. Uma permanecia na área do Posto da FUNAI, levantando as benfeitorias, tanto da FUNAI como as plantações dos índios. A outra a que fazíamos parte, seguiria mata a dentro, acompanhando o rio, anotando as áreas de utilização dos índios. Mais dois índios passaram a participar da nossa equipe - Mário Paroé ATROARI e Viana ATROARI, que fizeram questão de acompanhar todo o trabalho. Mário seguiu conosco para a mata e Viana ficou acompanhando a equipe que realizava o inventário das benfeitorias e culturas existentes na área da aldeia Taquari.

Além dos índios, incorporaram-se às equipes, o próprio Chefe do NAWA, Sr. Raimundo Nonato Correia, que permaneceu na área do Posto e o Sr. José Machado que acompanhou a equipe que seguiu fazendo o levantamento, acompanhando o Rio Taquari.

Seguimos margeando pela direita o Rio Taquari. A floresta parecia nova - os caminhos bem limpos demonstravam que eram muito utilizados. Os índios explicavam que ali é usado com muita frequência por eles - os do Taquari - para suas caçadas e coletas de frutos alimentícios e de ervas medicinais.

Mário ATROARI, demonstrando também ser grande conhecedor da flora pacientemente em plena caminhada foi identificando as espécies que íamos encontrando. Entre elas destacaram-se o seguinte:

CASTANHEIRA - Amêndoa alimentícia.

PATUAZEIRO - Fruta que é fabricado o vinho.

BURITI - Fruta alimentícia que também é fabricado o vinho.

CABÁ - A fruta ralada produz um amido que se parece e é utilizado como massa de Beiju.

UBIM - Palmeira cuja palha serve para construção de suas casas.

KIRIRI - Veneno que é utilizado em flechas.

SOVA - Fruta alimentícia e o leite é usado para fixação de pontas de flechas.

BACABA

TAQUARI - Castanha-amêndoa alimentícia.

PIQUIÁ - Fruto alimentício.

ABIURUNA - Fruto alimentício, parecido com maçã.

SAPUCAIA

ACHÁ - Fazem com as frutas mingau alimentício.

PACHURÁ - A casca serve para preparo de substância para banhar criança recém-nascida. O líquido serve como remédio para dor de barriga.

LOURO - Madeira para confecção de suas casas.

UACUM - Cipó, cujo chá serve para combater veneno de cobra.

ARAMBÁ - Veneno para ponta de flecha.

MURU-MURU - Palmeira com pequenos frutos tipo côco que lembra Côco da Bahia, tem água e massa muito gostosa.

CEDRO - A casca é usada para matar peixe.

INAJÁ - Fruto comestível.

AÇAI - Fruto comestível.

Andamos na mata cerca de 12 Kms e Mário nos mostrou capoeira antiga de uma aldeia cujo chefe (já falecido), chamava BARUANA e que habitavam cerca de 100 pessoas.

A equipe que permaneceu nas proximidades da aldeia, inventariou os bens da FUNAI e as culturas plantadas na área ao redor do pequeno Posto de atendimento.

Numa área de 150x 100 mts. existem 5 casas construídas em pau roliço, cobertas de palhas de caranã. O chão é de terra batida.

A primeira casa é construída de madeira lavrada com teto de zinco. Funciona o escritório e alojamento. Um campo de futebol. Uma cozinha, um banheiro rústico, um galinheiro, um poço tipo cacimba e um moinho de cana - em madeira.

Culturas nesta área:

40 pés de Caju
06 pés de Laranja
20 pés de Banana
09 pés de Limão
12 pés de Cupuaçu
16 pés de Goiaba
02 pés de Abacate
01 pé de Urucu
01 pé de Pimenta

Dia 14/09/86 - Nas proximidades do Posto da FUNAI, na margem direita do rio Taquari, (frente avançada Taquari) existe um grande roçado dos índios. Inclusive até pouco tempo, existia duas grandes casas onde abrigavam os índios da aldeia Taquari, hoje situada distante cerca de 500 metros do Posto, na margem direita do Taquari e na margem esquerda da BR 174 - Manaus-Caracarái. As duas equipes se juntaram para realizar o inventário das culturas existentes e na área de aproximadamente 5,6 ha, encontramos o seguinte:

180 pés de Buriti
51 pés de Caranã
649 pés de Mamão
2.064 pés de Mandioca
1.070 pés de Ingá
04 pés de Urucu
203 pés de Abacaxi
79 pés de Graviola
86 pés de Caju
01 pé de Muru-Muru
77 pés de Timbó
08 pés de Abiu
691 pés de Banana
03 pés de Curuwá
13 pés de Maracujá
15 pés de Laranja
08 pés de Cajá
700 pés de Flecheira
01 pé de Jaca

Ainda encontramos nessa área 1,00 hectare com Batata e Cabaceira. Dentro da área verificou-se a existência das seguintes construções pertencentes aos índios:

Ol casa construída com palha de caranã, medindo 7x8 metros.

Ol casa de farinha coberta com palha de caranã, medindo 5x13 metros e equipada com forno, 1 prensa, 1 girau para lavar massa e 2 cxs para estoque.

Na margem direita da BR 174 - Manaus-Caracarái, existe uma grande derrubada para roça, medindo 450x400x320 m, estando na fase de queimar.

Dia 15/09/86 - Iniciamos o dia avaliando o trabalho já realizado até então, dando por encerrado o inventário das culturas e benfeitorias pertencentes aos índios e à FUNAI, na área do rio Taquari e planejamos o trabalho daquele dia, que seria continuar a identificação da área do rio Taquari e Uatumã, com relação a curva de nível da quota de inundação - 53 m. Passamos a viajar de barco - 2 barcos da ENGE-RIO, e as Equipes passaram a ter a seguinte formação: A Equipe 1, a que participávamos:

Porfírio Carvalho	ELETRONORTE
Elisabeth Cid Alcântara	FUNAI
Luis Andrade	ENGE-RIO
Tomas WAIMIRI	Índio WAIMIRI
Raimundo	Barqueiro

Equipe 2

Raimundo Nonato Correia	FUNAI
Mário Paroé ATROARI	Índio ATROARI
Paulo Uribiá WAIMIRI	Índio WAIMIRI
Celina Maria	ENGE-RIO
Estêvão Rodrigues	FUNAI
Barqueiro	ENGE-RIO

A equipe 1 continuaria acompanhando o rio Taquari, identificando as áreas de utilização dos índios WAIMIRI, dentro da faixa de quota identificada pela ENGE-RIO do alagamento e aumento do nível das águas do rio e a equipe 2 subiria o rio Uatumã, rumo as suas cabeceiras.

Chegando na foz do rio Taquari, nos separamos da equipe 2 e iniciamos a viagem rio acima. Devido a completa interdição do rio, não nos foi possível prosseguir viagem navegando. Por sugestão do índio Tomas, desta feita passamos a percorrer o Taquari pela sua margem esquerda. Logo na foz nos deparamos com um grande acampamento dos índios, inclusive com sinais recentes de uso. Tomas nos explicou que constantemente seu povo, os WAIMIRI, frequentam aquele acampamento, onde pescam e caçam e que aquele local tem muito pei

xe e caça. Andamos mata a dentro no sentido de cunha e Tomas na medida que se deparava com árvores utilizáveis ia identificando-as para o nosso registro, demonstrando também que a floresta que para nós é um simples amontoado de árvores, trata-se realmente de um verdadeiro sítio com árvores frutíferas, gado (animais e pássaros) e sua farmácia. Nesta área, encontramos floresta alta e pela inexistência de troncos de árvores ou árvores caída, deduzimos que se trata de uma floresta nova. Além disto, os caminhos dos índios são tão bem definidos, mostrando o constante uso. Encontramos também rastro de caça - veado e anta. Depois de mais de hora margeando o rio Taquari, retornamos.

Entre as espécies encontradas no "sítio" dos índios, destacaram-se as seguintes:

URUMUM - Amapá - Leite Medicinal para úlcera estomacal.

SERICOPA - Cacau branco - alimentício - tipo de cacau.

ARUMÃ - Palmeira, cuja palha é usada para cesta, tangas e pulseiras.

KPÉ - Fruto comestível.

XIOPUAN - A casca - feito chá e passado no fermento tem efeito cicatrizante.

KÂNÂNÃ - Come-se a fruta (tipo palmeira Muru-Muru).

KANEDUBÁ - Seringueira.

KATAUKA - Fruta que alimenta Arara - local de caça dos índios.

MURUKUPI - Palmeira onde se tira palha para construção de casas.

KIRIRI - Veneno para ponta de flecha - tipo cipó.

AQUÁ - Cipó que produz água.

IAUDÁ - Tipo de palmeira que se tira os espinhos para fabrico de pentes.

MADIÁ - Inajá - Fruto alimentício.

KARBÁ - Ubiu do Mato.

MARUQUÁ - Fruto alimentício.

BAQUIERCE - Palmeira que dá frutos alimentícios.

MURU-MURU - Coquinho muito gostoso e que tem água que lembra côco da praia.

UACÁ - Produz substância salgada que serve como remédio para contusões. É passado no local e ingerido.

UARÁ - Breu.

DAKIÁ - Fruto grande alimentício - a madeira serve para confecção de casas.

CASTANHEIRA

PÍRITI - Cipó cujo líquido que lhe é extraído é usado como veneno nas pontas das flechas.

WAIADARI - Uma fruta que alimenta porcão e Kaitetu - Local de caça desses animais.

TAMAKUBÁ - Sementes que servem para confecção de tangas e pulseiras.

ARARI - Frutas que amassadas produzem um líquido que é utilizado na cura de queimaduras.

UARNAN - Piquiá - fruto alimentício.

PÊMAN - Fruta também conhecida como Pasta de Jaboti - alimento de porcão selvagem - Kaitetu e Onça - TEMÉRI.

UATUPÁ - Raiz que fervida faz mingau alimentício cheiroso e gostoso.

Estas informações nos foram prestadas pelo índio Tomas WAIMIRI que fez questão de citá-los usando o seu idioma. E na mesma ocasião quis informar o que eles - os WAIMIRI - caçam naquela área, informando também os nomes em língua WAIMIRI.

PAQUIÁ - Porcão

PAQUIARI - Kaitetu

SUARI - Veado

TABEÉ - Capivara

IRICUBÁ - Ariranha

UIAMON - Jaboti

TEMERÊ - Onça

MEPIRI - Anta

WARUNÃ - Paca

SAMURÂ - Tamanduá Bandeira

KABARPÁ - Tatu

AKAMBERRI - Tatu Canastra

KAIEKU - Veado Branco

UKU - Mutum

ALTUR - Mutum do bico vermelho

MURAE - Jacu

KIU - Kujubim

THIAMUKU - Tucano

IAMUN - Inhambu

COATA - Macaco Coatá

MAINU - Macaco Prego

ARAUTA - Guariba

KUYIU - Macaco Barbudo

KIXIRI - Soin - Macaco pequeno

KARRARA - Macaco Branco

UAIRIRI - Mambira - Macaco pequeno

UIRITI - Preguiça

IAQUE - Jacaré

Tomas também informou-nos sobre os peixes do Taquari e identificou-os no seu idioma:

TXEUBA - Peixe no modo geral

UARUPA - Acará - Tipo de Sardinha

KIRIKIRI - Jundiá

PURAUÊ - Puraquê

AMAKUKA - Tucunaré

MARUMÃ - Piranha

IRIUI - Surubim

DUMAR - Pirarara

UAIÁ - Pirarara preta

PACAMON

TUKU - Filhote

UIACANAM - Piraíba

UARARA - Tartaruga

SUPA - Tracajá pequeno

XERI - Arraia

TITIRI - Pequena Tartaruga

Estas informações como já dissemos foram prestadas no centro da mata pelo índio Tomas WAIMIRI, em local que será atingido pelas águas da represa de Balbina e nós na medida em que visitávamos esses locais, íamos avisando aos índios que aquela área iria ser inundada.

Retornamos até o encontro das águas do Taquari com o Uatumã, onde aguardamos a chegada da outra equipe, que se encontrava pesquisando nas cabeceiras do Uatumã.

A equipe 2 também realizou uma mostragem da área de utilização dos índios dentro do perímetro a ser atingida pelas águas da Barragem de Balbina, na região das cabeceiras do Uatumã. As áreas pesquisadas foram delimitadas como área de cachoeira 2 e área de cachoeira 3.

Nas cabeceiras do Uatumã existem 3 pequenas cachoeiras. A primeira fica nas proximidades da foz do Igarapé Taquari, cuja área foi pesquisada ao mesmo tempo que foi feito o levantamento da margem esquerda daquele Igarapé.

Na cachoeira 2, cerca de 20 minutos acima da primeira cachoeira, foi encontrado um grande acampamento de caça dos índios e realizando nas proximidades, um levantamento de ocorrências vegetais utilizáveis e de valor para os índios.

Entre elas, foram encontradas as seguintes essências madeireiras:

MUIRAPIRANGA
MIRAGIBOIA
MURU-MURU
ATA
MATAR-MATAR
UMBAUBARANA
INAJÁ
PAU RAINHA
MACACU-CHIADOR
UCUBA
ENVIRA VERMELHA
UBIM
SOROROCA
TAXI VERMELHO
ARAÇA BRANCO
PARICÁ
INGÁ-XIXI
SUCUPIRA
VIROLA
INGÁ-FERRO
CASTANHA DE PACA

AMARELINHO
MAÇARANDUBA
PAJURÁ
MATAR-MATAR PRETO
MURICI
ABIURANA
BACABINHA
TURURI
CUPIUBA
SUCUPIRA VERMELHA
TANINBUCA
TINTEIRO
ENVIRA SURUCUCU
CANELA DE VELHO
UBIM TARAPUBÁ
AMBÉ
LOURO VERMELHO
CACAUÉ
FAVEIRA BOLOTA
AMAPÁ DOCE
SAPUCAIA
ABIURANA ABIU
BREU BRANCO
MUNGUBA
MACUCU FARINHA SECA
PAU MULATO
ACAPURANA

Na cachoeira 3, 50 minutos de barco a motor acima da cachoeira 2, foi encontrado também um acampamento de caça e pesca dos índios na margem direita do Uatumã e lá também foi feita uma pesquisa das essências madeireiras existentes. Foram encontradas principalmente as seguintes:

TAUARI VERMELHO - (AMUTUR) - é retirada fibra para amarrar o pulso em proteção a corda do arco. Também é usado para tipóia no transporte das crianças.

ENVIRA VERMELHA

TAXI PRETO - Madeira usada para fabricar canoas (tumba).

MAÇARANDUBA - Serve para confecção de arco e flecha.

CARANAPAUBA - Usado para cabo de machado e sua casca, em forma de chá, serve para remédio contra malária, contra doenças no fígado e anticoncepcional.

BREU - Madeira combustível e é utilizado no fogo.

EMBAUBARANA - Serve para fazer fogo - forma - primitiva - substitui o fósforo e o fruto é comestível.

CAJUAÇU

MURU-MURU

SUCUPIRA AMARELA - Madeira que serve para confecção de canoas.

SORVA

PIABINHA

ABIURANA - Serve para confecção de arco e flecha

INAJÁ - Serve para alimento.

PURUI - Fruto comestível.

CARAIPÉ - Serve de componente no fabrico de cerâmica.

LOURO GAMELA - Faz canoa

ENVIRA - Madeira que serve para construção de casa e vara de pescar.

CACAU - Fruto alimentício.

MUNGUBA DA TERRA FIRME - Madeira de uso em geral.

GUARUBANA VERMELHA - Casca - feito chá serve de remédio para diar
réia.

KRAGIRU - Remédio - feito chá - para combater a anemia.

GITÓ - Madeira que é utilizada para confecção de canoas.

MIRAGIBOIA - (Piriá).

UCUMBÁ VERMELHA - Madeira de uso em geral.

PAJURÁ - Fruto comestível.

AÇAI - Fruto comestível.

INGÁ - Fruto comestível.

URUCURANA - Madeira de uso em geral.

MATAR-MATAR - Madeira de uso em geral.

CIPÓ D'ÁGUA - Retira-se água potável.

KIRIBIRÉ - Cipó para pintar hastes de flechas.

JUTAI - Fruto comestível e a casca - feito chá serve para fazer re
médio contra asma.

GUARIUBA

PAU D'ARCO - Madeira que serve para confecção de arco.

SAPUCAIA

LOURO PRETO

AMBÉ - Cipó que serve de corda e sua água extraída após quebra é
utilizada como remédio para os olhos.

Peixes existentes no alto Uatumã:

Piranha, Pacu, Puraquê, Pirarara, Filhote, Tucunaré, Piaba, Traíra, Cará, Jundiá e são encontrados com muita frequência, Jacaré e Tararuga.

Dia 16/09/86 - Após a reunião da manhã, decidimos dar por concluído o levantamento nos rios Taquari e Alto Uatumã e planejamos a viagem do dia que seria no Baixo Uatumã, partindo do limite da reserva WAIMIRI ATROARI - Igarapé Cachimbo. As atividades seriam desenvolvidas pelas duas equipes simultaneamente. A equipe 1 faria o levantamento partindo do terceiro igarapé da margem esquerda a jusante da foz do Abonari e a equipe 2 faria o levantamento partindo do Igarapé Cachimbo.

Iniciamos o nosso trabalho pelo terceiro Igarapé a jusante da foz do Abonari e nos deparamos com uma das belezas da natureza. Nos mapas que conhecemos o Igarapé não está batizado, mas os índios informaram que se chamava TAPUNHAMUNDÁ que traduzido significa rio muito bonito. Realmente as suas águas límpidas e suas margens bem definidas, algumas pedras faziam daquele Igarapé um local muito bonito e agradável. Via-se nas águas, os peixes aos milhares nadando tranquilamente e eram tantos e pequenos, que indicava ser aquele local, área de desova, pois ali estavam protegidos dos peixes predadores que não habitam águas rasas. Por volta de 1 hora de viagem a remo, subimos aquele majestoso Igarapé. Em seguida, fizemos uma caminhada mata a dentro, mas sempre acompanhando o Igarapé e os índios iam nos mostrando rastros de vários animais silvestres. Naquele dia, eles não quiseram identificar as árvores utilizadas por eles, dizendo apenas que tudo era igual do Taquari. Nos foi mostrado um acampamento deles - um pouco antigo e lá nos demoramos um pouco. Perguntamos então como era utilizada aquela área e o TUXAUA Tomas nos disse - "Aqui menino aprende nadar. Nós acampamos e os meninos ficam brincando no Igarapé aprendendo nadar e pescar enquanto os adultos caçam". Realmente, o local oferecia todas as condições para o lazer familiar e em função das águas límpidas e rasas ideal para criança brincar e aprender nadar. Estávamos num local de lazer e aprendizagem dos índios WAIMIRI. O TUXAUA Tomas, perguntando se ele sabia localizar no mapa onde nós nos encontrávamos e ele imediatamente iniciou um desenho numa árvore e após concluído nos mostrou com precisão no seu mapa - onde estávamos, onde era o Posto da FUNAI e a localização dos rios, demonstrando ser grande conhecedor da região e ter conhecimento de representação gráfica perfeita.

Nos encontramos com a equipe 2 nos pedrais existentes no rio Uatumã que também já tinham concluído o trabalho na área que haviam planejado.

Retornamos à sede do Posto - Seção Abonari já à noitinha. A equipe 2 fez o seu relatório sobre as atividades daquele dia.

No Igarapé Cachimbo, não foi possível a navegação em função de árvores caídas sobre o seu leito. Entretanto, a equipe realizou uma ligeira amostragem por terra, encontrando principalmente as seguintes essências madeireiras.

CARANAPAUBA
SERINGA
MACACU FARINHA SECA
ABIURANA
FAVEIRA
ARAÇÁ TAXI
APACURANA
IPUNÃ

Em seguida, a equipe 2, subiu o Uatumã em barco - 15 minutos acima do Igarapé Cachimbo foi encontrado um lago onde foi realizada nova amostragem encontrando as seguintes espécies:

GUARUBA (CURUÁ VERMELHA) - palha que serve para confeccionar esteira para dormir.

ARAÇÁ BRANCO
AMBÉ
SAPUCAIA
BACABINHA
SARDINHEIRA
IARANA
INGÁ
MACACU
SOROROCA
UBIM
PATUÁ
ABIURANA
ENVIRA SURUCURU
MAÇARANDUBA
CUPIUBA
GUARUBARANA BRANCA
BACABA
KURUÁ BRANCO
SERINGA
JUTAI
IARANA
AÇAI
SUCUPIRA
UARAPANÃ (Coração de Negro)

GUARIUBA

JUTAI POROROCA

CUMARU

PARIRI (Sororoquinha) Palha que serve para colocar na boca e imitar sons produzidos pelos animais, quando estão caçando.

UACANÃ - Castanha de Paca

JACITARA - Unha de gato - fibra que fabrica pulseira.

PRAKU - Da casca é tirado uma tinta que é usada na pintura de objetos usados nas festas.

PARIRI - Fruta comestível que é misturada ao Beiju de Farinha.

MACHIRIKIBÁ - Fruta comestível.

AUARAPANÃ - Fruta que serve de alimento de paca, cotia e anta - local de caça.

UARAMAXI - Cipó para confecção de peneira para beiju.

KURUKUU - Piquiarara - fruta preferida das araras - local de caça.

MAUAÁ - Cipó para matar peixe (envenena a água).

UAKANÃ - Fruta grande que serve de alimento de tartarugas (local de caça).

TAXI - Quando está sendo residência de formigueiros, os índios, quando estão se sentido enfeitiçados, ou com azar (panema) seguram com uma das mãos a parte do caule e após bater na árvore para irritar as formigas, deixa que o braço que está segurando o caule seja ferrado até tirar o feitiço e o azar.

CANAUBA - Madeira para fabrico de canoas.

ITAUBA - Madeira serve para fazer remo, canoa.

CAMAKAXI - Fruta que serve de alimento de Cotia, Jaboti, Paca (local de caça).

As duas equipes quando retornavam de viagem do baixo Uatumã, pararam no local onde funcionava o antigo Posto da FUNAI - Posto Abonari, localizado nas proximidades da foz do rio Stº Antônio do Abonari, mas na margem esquerda do rio Uatumã. A área de capoeira mede aproximadamente 500x700 mts. Ainda restam vivas algumas culturas - poucos pés de Ingá, Manga, Laranja, Goiaba e Limão.

No local, encontramos um ponto de satélite levantado pelo IBGE e tem o número 62.

Os índios também nos informaram que não muito distante do Posto existiu uma grande aldeia que era chefiada pelo TUXAUA BARUÁ. Hoje não existe nem a aldeia, nem os índios - morreram todos.

Dia 17/09/86 - Depois da reunião das equipes decidimos dar por en
cerrado o levantamento que incluía os rios Taquari
e Uatumã e iniciamos os preparativos para os trabalhos nas cabecei-
ras do rio Stº Antônio do Abonari.

No acampamento da ENGE-RIO, chegaram pessoas ligadas ao trabalho
como um todo e fomos convidadas a comparecer ao local.

Lá, encontramos o Sr. Amaury da ELETRONORTE e a Sra. Miriam do Ser-
viço de Cartografia da ENGE-RIO, além de outros funcionários da
ENGE-RIO já ali instalados a algum tempo e que participavam do tra-
balho de cartografia.

Na ocasião, expliquei a Dra. Miriam que o mapa apresentado pela
ENGE-RIO, no que diz respeito ao limite sul da Reserva WAIMIRI
ATROARI, precisamente no único ponto onde existe uma reta, encon
tra-se errado, pois a linha deveria partir da ponte sobre o rio
Abonari. Na ocasião ela ficou de verificar, mas não tenho dúvida,
pois o decreto 86.830 de 23/11/81, quando se refere ao ponto em
discussão diz "até atingir o ponto 1 de coordenadas geográficas
aproximadas (01º16'30" e 60º26'25" WGR situado na margem direita
do rio Stº Antônio do Abonari, junto à ponte que atravessa o mesmo,
dando passagem a BR 174 desse ponto segue por uma linha reta e se-
ca com uma extensão de aproximadamente 52,4 Km". Durante a tarde, fo-
mos ao atual Posto Indígena de Atração Abonari, que fica distante
do Posto Seção Abonari, cerca de 20 minutos de barco a motor.

Lá realizamos o levantamento das benfeitorias existentes e regis-
tramos culturas plantadas.

A área desmatada com 80% destocada tem aproximadamente 10 ha e
16 construções:

- Casa sede construída em madeira coberta, de zinco - alumínio - me-
dindo 6x12 mts.
- Casa-farmácia - construída em madeira, coberta de alumínio - me-
dindo 9x5 mts.
- Casa de residência de funcionário - madeira, coberta de alumínio -
medindo 7x6 mts.
- Casa destinada a cozinha, em madeira, coberta de alumínio - medin-
do 5x4 mts.
- Sanitário tipo fossa negra - construída com pau a pique, coberta
de alumínio - medindo 1,5x1,5 mts.
- Refeitório coberto de palha - construção redonda com 5 metros de
diâmetro e assoalho de madeira.

- Galinheiro construído em forma piramidal com 2 metros de base por 1,00 de altura com as paredes de alumínio.
- Casa de farinha coberta de palha de Caraná, com prensa, forno kaitetu, com motor de 3,5 HP marca Montgomery - 3 caixotes de madeira para estoque.
- 200 metros de rede elétrica com 4 fios de bitola 14.
- Casa de força ou de máquinas - mede 4x5 mts., paredes da casca de Açaí e cobertura de alumínio.
- Casa de alojamento de funcionários - mede 8x5 mts. e as paredes danificadas - cobertura de alumínio.
- Um assoalho com vaso e bidê.
- Um galinheiro construído em madeira e coberto de alumínio.
- Uma moenda de cana em madeira.
- Casa dos índios - (4 casas: 2 redondas, 2 retangulares).
- As retangulares são construídas - paredes com casca de cardeiro e a cobertura em palha de Caraná - medindo 4x5 mts. e outra, medindo 5x3 mts.
- As redondas com 6 mts. de diâmetro, paredes de palha de Caraná e cobertura com palha de Ubim.

No pomar/roçado do P.I.A Abonari encontramos as seguintes culturas:

450	pés de Banana
108	pés de Goiaba
120	pés de Ingá
1.000	pés de Abacaxi
200	pés de Caju
20	pés de Maracujá
78	pés de Pupunha
20	pés de Mamão
02	pés de Laranja
10	pés de Tangerina
01	pé de Abacate
03	pés de Jambo
05	pés de Manga
01	pé de Limão
04	pés de Urucu
01	pé de Graviola
01	pé de Coco da Bahia
50	touceiras de Capim Santo
50	pés de Cana
01	ha de Mandioca
1/2	ha de Capim Colonião

Dia 18/09/86 - Por volta das 8:00 hs iniciamos a viagem subindo o rio Abonari rumo às suas cabeceiras. Íamos acompanhando a viagem pela bússola e pelo mapa. Identificamos desde a nossa saída, a montante do P.I.A Abonari, 5 acampamentos de cacados índios - verdadeiras aldeias, que são utilizadas constantemente pelos índios que habitam na aldeia Tapupunã. Identificamos também, uma capoeira antiga e um caminho bem utilizado por eles nas andanças em busca de alimentos.

Um fato que é necessário registrar é que o mapa elaborado pela MONASA/ENGE-RIO, não registra determinados rumos do rio - pois viajamos mais de 1:00 hora rumo norte e ora rumo nordeste, sendo este, neste período o rumo que mais navegamos. Este fato foi observado por nós e pelo topógrafo da ENGE-RIO - Sr. Luis Andrade.

Chegamos à aldeia Tapupunã, por volta das 14:00 hs e iniciamos imediatamente o nosso trabalho.

Trata-se de uma aldeia muito bonita, numa área muito grande com 11 construções dentro de uma área desmatada aproximada de 150.675 m² e é banhada pelo Rio Abonari.

Foi o local onde vimos a maior roça e o maior pomar. É algo realmente impressionante.

Esta aldeia é chefiada pelo índio Paulo Uribiá WAIMIRI e habitam 15 pessoas.

Nas proximidades da aldeia existe uma outra roça nova - na margem esquerda do Igarapé Achá Siná na confluência com o rio Stº Antônio do Abonari. Fizemos a primeira vistoria na área e constatamos que se tratava de uma grande plantação de Bananeiras, Mandioca, Abacaxi e outros e que infelizmente, encontra-se dentro do nível da inundação provocada pelo lago de Balbina. Existe pedrais tanto à frente da aldeia como nos lados, sempre no leito do rio. Um fato que merece destaque é que em toda as nossas andanças não encontramos pedras fora do leito dos rios. Tanto no Abonari quanto no Uatumã e Taquari. No Taquari não encontramos pedras em nenhum lugar.

Dia 19/09/86 - Antes de iniciarmos os trabalhos notamos entre os índios que nos acompanhavam uma certa inquietação, os índios eram Mário Paroé ATROARI, Paulo Uribiá WAIMIRI, Tomas WAIMIRI e seus acompanhantes que vieram do Taquari.

Aproveitamos a oportunidade para explicar mais uma vez o nosso trabalho. E voltamos a informar que aquela área iria ser atingida pelas águas do represamento de Balbina.

Fizeram várias perguntas e nessa ocasião insistiram na necessidade de conhecer melhor o que vem a ser Balbina e que gostariam de conhecer uma barragem já pronta. Sei que eles não estavam alegres com a verdade que lhes transmitíamos, pois deve ser um choque muito grande, imaginar que aquela aldeia, as suas plantações, ficarão perdidas submersas nas águas do Abonari. Mas, talvez por estarmos sendo sinceros com eles, depois de uma conversa só entre os índios, nos convidaram a continuar o trabalho.

O trabalho que cada dia mais ia ficando difícil para nós, pois íamos conhecendo toda a riqueza dos WAIMIRI. As suas aldeias, os seus roçados, as matas tão bem utilizadas no seu dia a dia, locais que são verdadeiros santuários. Isto sem falarmos nos próprios rios Abonari e Taquari, que fazem parte da vida daqueles índios, não só por ser celeiro de onde tiram os seus alimentos, não só por ser verdadeiras estradas, onde circulam com suas canoas, mas e principalmente, por ser o local onde as cinzas dos seus antepassados estão depositadas.

Continuamos o nosso trabalho, medindo suas roças, inventariando suas culturas, sob o olhar triste dos WAIMIRI, que talvez ainda não conseguiram dimensionar o que vai acontecer com suas vidas. Incluíve, no caminho da roça, Mário Paroé ATROARI começou a fazer perguntas sobre o passado, sobre um passado muito trágico para eles e que resultou na quase extinção daquele grupo. Respondi todas as perguntas que me foram feitas com a mesma sinceridade que sempre tive com os índios. Lá na roça, enquanto faziam a medição, Mário ATROARI e os WAIMIRI mantiveram-se à distância. Isto foi a primeira vez que aconteceu durante a viagem. O serviço continuou e conseguimos fazer o levantamento que pretendíamos, que teve o seguinte resultado:

Área Aldeia e Roças: 150.675 m²
Área Aldeia e Pomar: 36.675 m²

227	pés de Mamão
132	pés de Pupunha
5.000	pés de Mandioca
77	pés de Graviola
55	pés de Caju
20	pés de Araticum
16	pés de Cuieira
12	pés de Maracujá
970	pés de Banana
45	pés de Ingá
15	pés de Limão
15	pés de Lágrima de Sta. Maria
84	pés de Abacaxi
28	pés de Curawa

27 pés de Urucu
02 pés de Cebola Branca
15 pés de Buriti
03 pés de Laranja
04 pés de Jambo
16 pés de Cupuaçu
02 pés de Tangerina
05 pés de Goiaba
02 pés de Pimenta

Dentro da roça propriamente dita, encontramos as seguintes culturas:

Área 10x150 - 300 pés de Banana
Área 40x150 - 3.000 touceiras com 15.000 pés de Cana
Área 100x2 - 200 pés de Abacaxi
Área 60x40 - 3.840 pés de Abacaxi
Área 50x50 - 6.946 pés de flecheiras

Numa área de cultura principal com Bananeiras medindo 58.50 m^2 , encontramos o seguinte:

14.972 pés de Banana
515 pés de Abacaxi
476 pés de Cana
400 pés de Caju
500 pés de Mamão
109 pés de Cará

Noutra área com Mandioca medindo 48.300 m^2 , encontramos 483.000 pés de Mandioca e 1.5 ha de Batata.

À tarde, fomos à roça nova na margem esquerda do Igarapé ACHÁ/SINÁ - na sua foz com o rio Abonari, onde realizamos o seguinte levantamento:

Área da Roça - 13.092 m^2

Sendo que 5.909 m^2 com Mandioca e o restante com outras culturas, que relacionamos:

5.909 pés de Mandioca
236 pés de Abacaxi
02 pés de Limão
96 pés de Banana

16 pés de Jaca
 06 pés de Cará
 01 pé de Pimenta
 05 pés de Caju
 08 pés de Mamão
 01 pé de Maracujá
 02 pés de Cupuaçu

Após o levantamento retornamos à aldeia Tapupunã e planejamos no outro dia, seguirmos o rio Stº Antônio do Abonari rumo as suas cabeceiras. À noite, os índios mataram uma anta e Mário Paroé ATROARI resolveu descer o rio levando carne para seus companheiros que se encontravam no Posto Stº Antônio do Abonari à beira da BR-174.

Dia 20/09/86 - Mário ATROARI seguiu rio abaixo levando a carne da anta para seus companheiros e nós seguimos rio acima com destino às cabeceiras do rio Abonari. Já naquele trecho, o rio é bem estreito, mas ainda existe pedrais. Nenhuma cachoeira. Após cerca de 1 hora de viagem de barco não apareceram mais os pedrais, a região passou a ser pantanosa, ora o rio bem estreito, ora com largura de 5 metros. O rio foi estreitando, estreitando até praticamente se acabar, transformando em vários filetes d'água. Quando não tínhamos mais como navegar, fizemos um reconhecimento nas proximidades e vimos que não existia mais água - ali eram as cabeceiras do Abonari. Na subida que levamos cerca de 4 horas registramos como destaque a existência de 2 capoeiras grandes que os índios informaram tratar-se de aldeias antigas de um grande líder chamado MARUAGA e que já não existe mais nem ele, nem seus companheiros. E um acampamento de caça dos WAIMIRI. Ao retornarmos, paramos numa capoeira grande, local onde antes fora a grande maloca do líder MARUAGA. Os próprios índios informaram que tanto MARUAGA como os que residiam ali, morreram todos. Em 1974, eles todos estavam vivos. Nós os conhecíamos.

Almoçamos e registramos a existência de um acampamento novo dos índios a que eles confirmaram ter sido utilizado recentemente para suas caçadas.

Voltamos a catalogar várias essências madeireiras ali existentes:

CACAU
 CAJUAÇU
 SERINGA (área de grande incidência)
 JUTAÍ
 MURAPIRANGA DE FOLHA MIÚDA
 POROROCA
 ENVIRA SURUCUCU

ITAUBA
 BREU VERMELHO
 VITEIRO BRANCO
 MURATINGA
 EMBAUBA VERMELHA
 LOURO ABACATE
 MANDIOQUEIRA CASCA LISA
 TAXI VERMELHO DA VÁRZEA
 PACU
 ITAUBA VERMELHA
 CACAURANA
 KIRIRI
 SUCUPIRA
 INGÁ
 KAPTIU
 UCOPI
 CUPUÍ
 CIPÓ CURUAU
 CARDEIRO
 URUCURANA
 KARARUBÁ (semente usada nas tangas femininas)
 KUARUMÃ
 BACU
 CASTANHEIRA
 TAXI
 UPUUBA
 ENVIRA PRETA
 EMBAURANA
 RAINHA
 MURATINGA
 PACHIUBA
 TURURI
 MEPÊ
 AMARELINHO
 CEDRO
 PITOMBA
 GITU
 ATA
 TANIMBUCA
 CANELA DE JACAMIM
 CRAVO - cipó com nós - faz chá que é utilizado no tratamento de es
 tômago.
 TAPEREBÁ
 LOURO PRETO
 PARICÁ (serve para curtir couro-casca)
 GUARUBARANA

INGÁ XIXI
MATAR-MATAR
CASTANHA DE PACA
AMBÉ

Na outra antiga aldeia identificada como do MARUAGA, esta muito me
nor, distante da aldeia Tapupunã cerca de 1:00 h de barco, fizemos
também uma amostragem da área e encontramos as seguintes essênci
as madeireiras:

EMBAUBARANA
CIPÓ D'ÁGUA
CAPIM XIXI
PUPUNHA
LACRE (casca serve como chá no combate a impingem)
ARAPARIUBA
GUARUBARANA ROSA
TAXI
BENGUÊ
PITANGA
MARUPÁ
INAJÁ
MACUCU (comida de paca)
EMEAUBA VERMELHA (a raiz armazena água potável)
CUPUI
ENVIRA TÁIA (quando está "panema" com feitiço ou com azar, faz pul
seira e usa que afasta).
INGÁ
JUTAI POROROCA
PAXIUBINHA (quando mulher está "panema" com feitiço faz chá que é
ingerido e usado no banho, a mulher gestante com feiti-
ço perde criança - aborta).
MATAR-MATAR - AMUTUR
GITÓ
DAUMÃ - fibra da casca serve para amarrar Jamaxi e outros objetos
BACABINHA
ANDIROBA
SERICOPÁ (graveto para fazer fogo - tipo fósforo)
PAU-RAINHA
CAJUAÇU
ABURANA
CUPUII
DAKA-DAKA
FAVA AMARGOSA (remédio para Impingem)
GENIPAPO

Retornamos ao Tapupunã ao final da tarde, onde encontramos o índio Mário ATROARI, acompanhado do chefe do NAWA - Sr. Raimundo Nonato Correia, que voltaram a se incorporarem na equipe.

Dia 21/09/86 - Os componentes das equipes se reuniram e fizeram uma avaliação do trabalho até então realizado. Chovia muito e não nos permitiu naquele dia realizar o trabalho.

Dia 22/09/86 - Ao amanhecer o dia, a chuva tinha cessado e constatamos que o rio havia tido seu nível elevado. Entretanto, um fato mereceu destaque. No dia anterior foi deixado em uma das pedras, no local onde serve de ponto de banho da aldeia, um pedaço de sabão que fora utilizado na lavagem de roupas de membros da equipe. As águas do rio de um dia para o outro, em função das chuvas, subiram cerca de um metro, cobrindo totalmente a pedra onde se encontrava o sabão. O curioso é que apesar de submerso o pedaço de sabão continuava no mesmo lugar que havia sido deixado, o que se conclui que apesar da enchente do rio, as águas não têm correnteza.

Por volta das 7:40 hs, a bordo de duas canoas a motor, iniciamos a subida ao Igarapé Achá Siná, afluente da margem esquerda do Abonari, nas proximidades da aldeia Tapupunã. Cerca de 15 minutos Igarapé acima, encontramos antiga capoeira de roças pertencentes aos WAIMIRI. Fizemos uma amostragem com caminhada de aproximadamente 2:00 hs e fizemos o seguinte registro do que encontramos. Ali era a antiga maloca chefiada pelo TUXAUA SECUÁ, que também já não mais existe. Nem ele, nem os seus companheiros - morreram todos, informaram os índios. A área desmatada era bem grande e as dimensões aproximadamente era de 2 km x 1,5 km. As essências madeiras encontradas são as seguintes:

CASCA DOCE (remédio para diarreia)

MARUPÁ

LOURO PRETO

CACAU

SARDINHEIRO

TAXI

PIABINHA

TANIMBUCA

GITÓ

EMBAUBA

GUARIUBA

MURURA (remédio para reumatismo)

XIXUÁ (casca serve de remédio para anemia e tem efeito afrodisíaco)

LOURO VERMELHO

SUCUPIRA
CASTANHA MARANHOTA
MAÇARANDUBA
ATA
UIXI (fruta comestível)
MURATINGA
MATAR-MATAR
CARDEIRO
UCUUBA
CIPÓ D'ÁGUA
KAIMBÉ (a folha é usada como licha)
APUI (árvore que nasce agarrada a outra)
AMAPÁ
CIPÓ UBIM (casca serve para confecção de fios de amarrar)
URUCURANA
BREU
TUCUMÃ
ANDIROBA
INAJÁ
CIPÓ DE FOGO
KAPTIU
ENVIRA TAIÁ
CUPUIRIRI
TIMBÓ
BREU VERMELHO
CARAFISTULA (o chá serve para combater veneno de cobra)
MELÃOZINHO
INGÁ XIXI
ABIURANA
PAJURÁ
CAJUI - SUBÁ (fruto comestível e chá da casca é usado como banho
higiênico feminino)
VISGUEIRO
NHARÉ (fruto comestível)
BIRIBAZINHO
ESCADA DE JABOTI (Cipó feito chá combate dores de menstruação)
CEDRINHO
AÇAI
ENVIRA SURUCUCU
ENVIRA FOFA
CEDRO
INGÁ AÇU (chá da casca serve como remédio - para hemorragia pós-
parto)
ENVIRA PRETO
PITOMBA
CANELA DE VELHO
CASTANHA SAPUCAIA
BACABA

ITAUBA
PUNÃ
TAMANQUEIRA
EMBAUBA VERMELHA
LOURO PIRARUCU
PAU RAINHA
SUCUPIRA VERMELHA
SERINGA CAJU AÇU
CASTANHA DE PACA
FAVA AMARGOSA
CUPIUBA
ACAPURANA (o chá da casca serve para tratamento de Leshimaniose)

Após o levantamento realizado, seguimos rio acima até um trecho que já não era mais possível navegação. Um dos barcos perdeu a hélice do motor e ficou sem condições de prosseguirmos viagem. Os próprios índios informaram que daí por diante não teria mais lugares de utilização com destaque e sugeriram o retorno das equipes.

Retornamos à aldeia Tapupunã e concluimos o nosso trabalho naquela área, levantando a população e a situação das casas.

Casa 01 - Casa do TUXAUA Paulo Uribiá.

Casa com 6 metros de diâmetro, levemente ovalada, as paredes são construídas com casca de envira e palha de Caranã e coberta de palha de Caranã. Moram nesta casa: Paulo - Margarida e seus filhos Lúcia, Iapamum, Cuatem e Taribaruiam.

Casa 02 - Casa de Osmar ATROARI.

Construção retangular, paredes de casca de cardeiro e palhas de Caranã - coberta de palhas de Caranã. Moram nesta casa: Osmar ATROARI e Raimunda com sua filha Ilie ne.

Casa 03 - Casa de Farinha.

Construída com esteios de envira e coberta com palhas de Caranã. Mede 10x6,5 mts., é equipada com 2 fornos, 1 depósito e 1 bancada de kaitetu.

Casa 04 - Serve de local de descanso - mede 5x3,5 metros. Aberta, com esteios de envira e coberta com palhas de Caranã.

Casa 05 - Casa destinada a visitantes. Retangular, medindo 4x3 m. paredes de Pachiuba e Açaí, coberta com palhas de Caranã e piso de argila.

- Casa 06 - Casa do CARAPANÃ.
Casa arredondada com 5 metros de diâmetro, parede com casca de cardeiro e coberta com palhas de Caranã. Residem na casa o CARAPANÃ, sua esposa Magarinete e quatro filhos menores.
- Casa 07 - Funciona como cozinha e depósito da aldeia, medindo 3,5x6 metros. Construída as paredes com casca de açai e coberta com palhas de Caranã. Porta de pachubinha com cipó titica. Fogão com 2 bocas de argila e uma pequena mesa com bancos fixos.
- Casa 08 - Casa do CHUMBÃO.
Formato quadrado medindo 4x4 metros e paredes construídas com paus roliços - envira - coberta com palhas de caranã e porta confeccionada com cipó titica. CHUMBÃO mora com sua esposa Puriquê e não tem filhos.
- Casa 09 - Casa do PARÁ IRIBIÁ.
Formato arredondado com 6 metros de diâmetro com paredes com casca de cardeiro e coberta com palhas de Caranã. Residem nesta casa, Pará Iribiá, sua esposa Kirini e sua filha menor, também chamada de Kirini.
- Casa 10 - É uma casa comunal.
Arredondada com 12 metros de diâmetro, com esteios e paredes de envira coberta de palha de Caranã - contém 2 portas. Residem nesta casa, Joaquim, sua esposa Macaiemu e 3 filhos - 2 homens e 1 mulher.
Iapunã, sua esposa Uarubá com 2 filhos - 1 menino e 1 menina.
Aratikan (viúvo) e seu filho de aproximadamente 8 anos.
Os solteiros - Cidronio, Tapuruman, Paroé, Batista Waimié.

Completando uma população de 35 pessoas na aldeia Tapupunã.

Em seguida ao levantamento, descemos o rio Abonari rumo ao Posto Seção Abonari da FUNAI, localizado à margem da BR 174, onde estava funcionando o nosso acampamento de apoio.

Descendo o rio 3:00 hs de barco a motor e da aldeia Tapupunã é distante cerca de 8 km do P.I.A Abonari, existe uma pedra conhecida como "Pedra Pintada". Paramos no local e constatamos que existe duas pedras com marcas - desenhos - que tudo indica se tratar de desenhos realizados por civilizações desconhecidas, que devem ter habitado ou visitado a região em datas remotas. Os índios WAIKIRI não sabem nada sobre os desenhos.

Por volta das 16:00 hs chegamos no Posto - Seção Abonari da FUNAI na BR-174.

Dia 23/09/86 - Fizemos o inventário das construções e das culturas existentes no Posto - Seção Abonari da FUNAI e encontramos o seguinte:

- 01 (uma) grande casa com 3 seções medindo 10x16 mts., construída em madeira de lei, teto de alumínio. Uma das seções tem assoalho de madeira que serve como residência dos funcionários do Posto e 2 quartos que servem como depósitos. Na segunda seção funciona uma garagem e 2 cômodos que servem como depósito de material e de gêneros. Funciona ainda 1 banheiro com chuveiro, pia e vaso sanitário. A terceira seção funciona a cozinha e o refeitório.
- 01 (uma) casa de força, medindo 8x3 paredes em madeira de lei e coberta de alumínio. Funciona como usina elétrica, 01 motor YANMAR 3,5 HP e 2 KVA, quadro Bambozzi (regulador de voltagem) Gerador Bambozzi com rede e instalação elétrica de aproximadamente 500 metros em fio 12" com 25 bicos de luz (rede dupla).
- 01 (uma) casa de farinha 8x5 mts. com cobertura de palha de Caranã e esteio de aquariquara, 1 kaitetu, 1 prensa, 1 forno, 2 caixotes de estoque e 1 motor Brigs Stratton de 3,0 HP.
- 01 (um) poço 4x3 mts. com proteção construída com cobertura de telhas de alumínio e esteios de aquariquara com cerca de 8 mts. de profundidade e 3 mts. de diâmetro e equipado com moto-bomba marca Montgomery de 3,5 HP e 2 caixas d'água tipo Brasilit com capacidade de 1.000 lts. cada e o sistema de distribuição d'água com 500 mts. de canos plásticos de bitolas 3/4, 1, 1/2, e 2,1/2 e esgoto com 5 polegadas - e 10 torneiras.
- 01 (uma) casa tipo maloca para hospedagem dos índios em trânsito com diâmetro de 6 mts. com paredes em aquariquara e envira como caibros, teto com cobertura de palhas de caranã.
- 01 (uma) casa que serve de residência a funcionários, construída em madeira de lei e o teto com telhas de alumínio medindo 4x5m.
- 01 (uma) casa construída em madeira de lei e paus roliços, medindo 5x10 mts. com cobertura em alumínio, assoalho de madeira. Funciona a administração do Posto, o sistema de comunicação de rádio fonia e uma pequena farmácia.

No outro lado da BR 174, distante cerca de 400 metros da sede do Posto da FUNAI, existe também uma outra casa destinada a residência de funcionários, medindo 4x6 mts e construção em madeira de lei e coberta de telha de alumínio.

Encontramos ainda, as seguintes culturas na área do Posto:

88	pés de Banana
1.800	pés de Cana
26	pés de Ingá
54	pés de Caju
03	pés de Urucu
29	pés de Laranja
27	pés de Cupuaçu
04	pés de Abiu
31	pés de Goiaba
01	pé de Capim Santo
15	pés de Pupunha
01	pé de Tangerina
01	pé de Limão
05	pés de Araticum
13	pés de Café
08	pés de Abacate
05	pés de Abacaxi
03	pés de Cueira
01	pé de Maracujá
03	pés de Limão
02	pés de Graviola

Após concluirmos o levantamento das benfeitorias e culturas do P.I.A. Seção Abonari da FUNAI, realizamos uma reunião com todos os membros das equipes e com os índios, quando foi feito um retrospecto do nosso trabalho que consistiu no seguinte:

- Com base nos dados apresentados pela ENGE-RIO - Cartografia e Topografia - a quota de interferência na área indígena será de 53 mts acima do nível do mar.
- Identificamos as áreas nas terras dos WAIMIRI ATROARI que sofrerão interferência do represamento do rio Uatumã na construção da Hidrelétrica de Balbina.

Nestas áreas que sofrerão influência de Balbina

- Inventariamos todas as roças e sítios dos índios.
- Inventariamos todas as benfeitorias - construções - do índio e da FUNAI.

- Catalogamos as principais essências madeireiras utilizadas pelos índios.
- Catalogamos os animais silvestres caçados pelos índios.
- Catalogamos os peixes, quelônios e répteis que povoam os rios Taquari, Abonari e Uatumã.
- Foram identificados os caminhos, acampamentos, santuários de utilização dos índios.
- Identificamos as aldeias e a população dos WAIMIRI que habitam na área.
- Identificamos e conhecemos as formas de utilização pelos índios dos rios Taquari, Uatumã e Stº Antônio do Abonari e da fauna e flora dentro da influência desses rios.
- Participamos do dia a dia dos WAIMIRI nas aldeias, nos rios e na mata, quando nos foi possível avaliar a importância daquela área para sobrevivência daquele povo.
- Simultaneamente, na medida em que íamos fazendo o registro destes dados que só foram possível serem levantados com o consentimento e com a participação dos índios fomos também informando-lhes da interferência que ocorrerá naquela região, quando do represamento do rio Uatumã pela Hidrelétrica de Balbina.

Ao revermos todos estes pontos chegamos à seguinte conclusão:

Ao se manter a quota de interferência em 53 NM, o represamento das águas do rio Uatumã, para formação do lago da Hidrelétrica de Balbina, provocará o aumento dos níveis do próprio rio Uatumã, dos seus afluentes e principalmente dos rios Taquari e Abonari.

O aumento do nível das águas desses rios atingirá, chegando mesmo a inundar completamente, a área onde estão instaladas as aldeias dos índios WAIMIRI - Aldeia TAQUARI - situada na margem direita do rio Taquari e na margem esquerda da estrada BR 174 Manaus - Boa Vista e a Aldeia Tapupunã nas cabeceiras dos rios Stº Antônio do Abonari na sua margem esquerda, incluindo todas as suas roças, caminhos, acampamentos de caça e pesca, santuários culturais, roças antigas - capoeiras, aldeias velhas, apagando todo o vestígio da presença dos WAIMIRI na bacia do rio Uatumã.

As aldeias Taquari e Tapupunã, estão localizadas nas cabeceiras dos rios Taquari e Abonari e como serão atingidas, logicamente to

das as águas das bacias daqueles rios, inclusive as do próprio Uatumã, serão afetadas. Tornando-se em função dos problemas que ocorrerão com a mudança de ecossistema e da qualidade das águas, impossível e impróprio a permanência dos índios WAIMIRI habitando naquela região.

Acontecendo este desastre, os WAIMIRI forçosamente terão que se mudar. Não só mudar os locais de suas aldeias para lugares mais altos, mas terão que se mudar para outra bacia fluvial, pois os WAIMIRI são índios canoieiros e têm sua vida intrinsecamente ligada aos rios e não sabem viver diferente.

As consequências desta mudança serão desastrosas.

2 O fato deles serem obrigados a abandonar o território que sempre foi o habitat de seu povo, pode provocar nos WAIMIRI mudanças de comportamento capaz de quebrar toda a unidade tribal e de relacionamento político-social entre seus poucos membros, gerando um desajuste que poderá levá-los a apatia e conseqüentemente ao seu fim como povo.

3 Isto sem falarmos nos problemas de subsistência, pois forçosamente irão viver num ambiente desconhecido e terão que começar tudo de novo. Fazer novas roças, descobrir pontos de caça, locais de pesca, construir novas casas, adaptar-se enfim, ao novo ambiente.

4 Doenças sempre surgem, quando isto ocorre, chegando às vezes, a dizimar completamente tribos inteiras, como foi o caso dos KAPARAÔ, que foram obrigados a se mudarem de seu habitat tradicional, quando da passagem por suas terras da estrada TRANSAMAZÔNICA.

Os WAIMIRI também conhecidos como WAIMIRI-ATROARI - (os ATROARI habitam a bacia do rio Alalau) habitam a região dos rios Cananau, Jauaperi e Uatumã desde tempos imemoriais.

Notícias deles nos rios Cananau, Urubu e Uatumã datam desde o início do século passado. A ação criminosa dos coletores de castanha, balateiros, extratores de pau-rosa e caçadores de peles, foi afastando-os das proximidades das pequenas vilas que iam sendo fundadas e levando-os a se refugiarem nas cabeceiras dos rios. Estas mesmas notícias davam conta de verdadeiros massacres cometidos contra os índios, tendo inclusive na maioria das vezes, o apoio oficial das autoridades da época.

5 O rio Urubu foi totalmente abandonado e os WAIMIRI até na década de 70 habitavam o médio Uatumã, com presença na hoje conhecida Cachoeiras Balbina e Morena. Local de instalação da Hidrelétrica.

A presença de novos moradores no rio Uatumã e suas ações predadoras e bélicas contra os WAIMIRI, os forçaram a permanecerem nas aldeias, nas cabeceiras do rio Stº Antônio do Abonari, local que já habitavam desde muito tempo.

O mesmo ocorreu nos rios Cananau e Jauaperi, fazendo com que os WAIMIRI lá habitantes ficassem refugiados nas aldeias instaladas nas nascentes daqueles rios.

Ao mesmo tempo, os ATROARI que também habitavam toda a bacia do Alalau e Jauaperi, refugiaram-se nas suas cabeceiras.

No relacionamento entre os WAIMIRI e ATROARI é registrado algumas divergências, inclusive algumas lutas intertribais. Entretanto, depois de 1974, quando todo o território conhecido por nós, não índios, de área dos WAIMIRI ATROARI, foi seccionado pela BR 174 e na sua implantação ocorreram vários incidentes fatais, com mortes de índios e não índios, surgiu uma maior aproximação entre os dois povos, mas conservaram os seus territórios tradicionais e aumentaram as viagens e visitas entre si. Ou seja, a região compreendida pela bacia do rio Alalau, ficou bem definida como habitat dos ATROARI e as bacias do Taquari, Abonari, Uatumã e Cananau, como habitat dos WAIMIRI, sendo que o grupo WAIMIRI do Camanau age como se fosse um grupo distinto dos WAIMIRI. Não obstante, realizaram visitas periódicas aos seus parentes do Uatumã e até mesmo aos ATROARI no Alalau.

Em 1980, novo problema surge para os WAIMIRI ATROARI, a presença dentro de seu território de uma empresa de mineração que através de processo fraudulento, instalou o conhecido Projeto PITINGA, conseguindo ocupar 526.800 hectares de suas terras.

Mais um revés na história triste daquele povo indígena, que vem sendo vítima sistematicamente do avanço da sociedade nacional sobre seus domínios territoriais.

Agora, com a possibilidade de serem impedidos de continuar vivendo no seu habitat tradicional, em razão do represamento da barragem de Balbina, mais uma vez, os WAIMIRI sofrem nova derrota, nesta luta desigual de continuar existindo como povo e como etnia.

A mudança dos WAIMIRI para qualquer das bacias fluviais da chamada área WAIMIRI ATROARI, apesar de serem apenas 105 índios - sobreviventes - provocará nas outras comunidades, que já utilizam-se da área a ser ocupada na sua sobrevivência, uma interferência, que poderá também gerar não só problemas políticos - questionamento de lideranças - etc - como a diminuição de espaços vitais para a comunidade que receberá os WAIMIRI.

Enfim, se as águas do represamento, como está previsto, atingir a quota 53 mts. na área indígena, ou mesmo uma quota menor, mas que venha a aumentar o nível dos rios Taquari e Abonari, em cerca de 04 metros, poderá provocar aos índios WAIMIRI, um desastre capaz de acelerar o processo de extermínio daquele povo.

Ao encerrarmos a reunião, agradecemos aos índios Mário Paroé ATROARI, Tomas Tamaré WAIMIRI e Paulo Uribiá, a ajuda que nos prestaram em nosso trabalho, a acolhida que nos dispensaram, recebendo-nos em suas próprias casas como amigos, mesmo sabendo que estávamos ali para dar-lhes a triste notícia de que as águas a serem represadas pela Barragem de Balbina poderão deixar submerso todo o habitat tradicional dos WAIMIRI que habitam as bacias do rio Taquari, Uatumã e Abonari.

Os índios ouviram calados as nossas palavras e naquele momento de mos por encerrado o levantamento de campo.

Em seguida, viajamos rumo a aldeia Taquari para levar o TUXAUA Tomas WAIMIRI de retorno à sua casa. Prosseguimos viagem passando pela sede do NAWA à margem do Alalau. Seguimos depois viagem para a aldeia Xeri, onde deixamos em sua casa o índio Mário Paroé ATROARI, retornando à sede do NAWA, onde pernoitamos.

Dia 24/09/86 - Pela manhã, voltamos a nos reunir.

Nós, Raimundo Nonato Correia - chefe do NAWA/FUNAI, Elisabeth Cid Alcântara - antropóloga da FUNAI e Celina Maria Souza - antropóloga da ENGE-RIO e revemos alguns pontos do nosso trabalho discutindo a nossa avaliação. À tarde, viajamos para Manaus em viatura da FUNAI.

Dia 25/09/86 - Reunião na Superintendência da FUNAI em Manaus, com o Sr. Superintendente Sebastião Amâncio da Costa, quando acompanhado do Sr. Raimundo Nonato Correia, chefe do NAWA e Elisabeth Cid de Alcântara, fizemos um relato do que foi a nossa viagem e a nossa avaliação preliminar sobre a interferência de Balbina na área indígena.

Dia 26/09/86 - Retorno a Brasília.

Ao encerrar este relatório, dando continuidade aos trabalhos junto à comunidade WAIMIRI ATROARI, lembro da necessidade de se promover o deslocamento de 4 líderes WAIMIRI ATROARI, à Barragem de Tucuruí e dali, até o canteiro de obras de Balbina, para que eles possam avaliar o que vai acontecer com sua área e com este conhecimento possam discutir as soluções para os problemas que irão enfrentar.

Este trabalho só foi possível ser realizado devido a ajuda do pessoal da FUNAI, que nos ajudou muito, principalmente os companheiros Estevão da Silva Rodrigues com o seu grande conhecimento das essências madeireiras e do Ariovaldo Paulino, chefe do Posto Seção Abonari, que tudo fez para que o nosso trabalho alcançasse seus objetivos.

Os agradecimentos também ao pessoal da ENGE-RIO, que nos deu apoio, proporcionando as condições técnicas para a realização desse trabalho.

E os agradecimentos finais, à Comunidade Indígena WAIMIRI ATROARI que além de nos ajudar na realização deste trabalho, nos dispensou uma acolhida fraterna e amigável.

Brasília, 8 de outubro de 1986

JOSÉ PORFÍRIO FONTENELE DE CARVALHO

